

CAIM DE JOSÉ SARAMAGO: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM DEUS SOB A PERSPECTIVA DA TRANSITIVIDADE

Odete Firmino Alhadas Salgado.

Mestranda em Linguística (UERJ)

odete.letas@gmail.com

RESUMO: O propósito da linguagem de representar ideias e expressar experiências remete à Metafunção Ideacional que tem como ferramenta de análise o Sistema de Transitividade. A língua nos permite representar o mundo, ou seja, fazer um recorte da realidade que nos cerca. Para tratar de como o homem representa o mundo, foi escolhido como objeto de pesquisa uma das mais recorrentes representações feitas pela humanidade, a saber, deus. Desse modo, este trabalho pretende investigar as representações da personagem Deus no romance *Caim* de José Saramago, por meio do Sistema de Transitividade da Linguística Sistêmico-Funcional.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional, Transitividade, José Saramago, Caim.

INTRODUÇÃO

Uma das instâncias de representação do mundo é a linguagem. Por meio da língua representamos dados de nossa experiência física e psíquica, representamos a realidade que nos cerca. Investigar como o homem representa essa realidade é uma questão inesgotável. Desse modo, é necessário selecionar um aspecto dessa realidade, i.e., fazer um recorte. O recorte que pretendemos investigar é uma das mais recorrentes representações feitas pela humanidade, a saber, deus. Os questionamentos em torno dessa personagem podem ser considerados uma das questões ontológicas do homem.

Segundo Ferraz (2012:13), a necessidade de um deus remonta às mais antigas civilizações. A questão sobre a existência de deus é também a questão da existência do próprio homem. Por meio dos deuses, os homens tentam entender sua própria natureza. Deus cria os homens e, ao mesmo tempo, é criado por eles. Essa necessidade da representação de uma divindade e, conseqüentemente, a necessidade de uma religião, remete à própria necessidade da ficção, pois a realidade só pode ser percebida em um único aspecto. Sempre faltarão outras perspectivas. Sempre nos faltará a onisciência divina. Criamos ficções, representamos papéis, fingimos dor, inventamos amores, e nos convencemos da veracidade de tudo isso. Segundo Bernardo (2004), talvez a única saída para compreender a realidade, ou parte dela, seja a Literatura, pois, no âmbito da ficção, podemos comprovar o que lemos e nos asseguramos de uma verdade. Parece um tanto paradoxal admitir que a ficção esteja mergulhada em uma realidade, mas sabemos exatamente quem são nossos personagens, conhecemos seus mundos e, se nos colocarmos a ler centenas de vezes o mesmo parágrafo, podemos afirmar que aquela realidade estará lá novamente para os nossos olhos.

Desse modo, cabe-nos aqui uma investigação das representações dessa realidade no texto ficcional, ou seja, investigar as possíveis representações de deus no âmbito da Literatura. Para compor o *corpus* deste trabalho selecionamos o romance *Caim* do escritor português José Saramago (1922-2010). A escolha desse romance se justifica por questões literárias e biográficas, como o fato de a narrativa ser baseada no texto do Antigo Testamento e o engajamento do escritor na temática religiosa; e, ainda, por questões de ordem prática, como a presença de um personagem deus explícito na obra. Em *Caim*, Saramago revisita episódios bíblicos do Antigo Testamento por meio do ponto de vista do personagem, título da obra, Caim. O personagem, depois de matar seu irmão Abel, entra em um estranho acordo com Deus e parte em uma jornada que passa

pelo quase sacrifício de Isaac na prova de fé de Abraão, a Torre de Babel, a destruição de Sodoma e Gomorra e o Dilúvio.

Saramago, um dos maiores escritores contemporâneos de Língua Portuguesa, dedicou grande parte de sua obra a questionar o caráter e a própria existência de uma divindade. Apesar de sempre se declarar ateu, o escritor dedicou muitas de suas páginas para um personagem deus. Demonstrando sempre uma relação conflituosa com os textos bíblicos, Saramago estabeleceu um diálogo entre a Literatura e a Teologia, negando esta por meio daquela. Negar a religião é, de certo modo, negar a deus e a toda uma ideia de divindade. Contudo, entendemos que essa pode ser mais uma forma de reafirmá-lo, pois toda a discussão em torno de deus e de sua possível inexistência faz com que sua figura se torne cada vez mais real, ao passo que o próprio ato de escrever um texto que discute a inexistência de deus é um ato de fé. Segundo Ferraz (2012:23), deus é um tema recorrente e estruturador da obra de Saramago, comportando-se como um eixo condutor em grande parte de seus romances e funcionando como um laboratório, no qual é construído um painel multifacetado de deus.

Este estudo, como dito anteriormente, pretende analisar uma das representações de deus, tomando como *corpus* o romance *Caim* do escritor José Saramago. No âmbito dos estudos da linguagem, a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) mostra-se como suporte teórico ideal, pois entende que a linguagem possui a habilidade de representar a realidade.

Desenvolvida por M. A. K. Halliday e colaboradores, a LSF propõe que a linguagem serve a três propósitos principais: (1) construir e organizar informações em forma de mensagem; (2) interagir com o outro; e (3) representar e apreender as coisas do mundo. Esses propósitos se referem às manifestações de funções intrínsecas a todos os usos da língua e a função de representar as ideias e a experiência humana está ligada

ao que Halliday chama de metafunção ideacional. Sendo assim, sob a perspectiva da metafunção ideacional, a oração traduz a percepção que o usuário da língua possui de sua realidade exterior e interior. O significado da oração, enquanto representação, está ligado ao Sistema de Transitividade, que será, portanto, nossa ferramenta de análise das representações da personagem Deus no romance selecionado. Sendo assim, nosso objetivo é investigar, por meio do Sistema de Transitividade da LSF, que representações de deus Saramago nos mostra em seu último romance e responder às seguintes perguntas: Qual o perfil da personagem Deus em *Caim*? Qual o papel do narrador dentro do discurso literário de Saramago? Como a análise linguística pode corroborar e sustentar uma análise literária?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa possui como suporte teórico a LSF de M. A. K. Halliday e colaboradores. Segundo Gouveia (2009:15), Halliday desenvolve a ideia de que, enquanto potencial de significado, a língua se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas e que tais redes correspondem a certas funções básicas da linguagem. Nessa perspectiva, as realizações linguísticas estão condicionadas, simultaneamente, a três tipos de significados ou metafunções: **textual**, **interpessoal** e **ideacional**. Essas metafunções se referem às manifestações de funções intrínsecas a todos os usos da língua, como, por exemplo, construir e organizar informações, interagir com o outro e representar ideias e expressar experiências.

A **metafunção textual** está relacionada ao fluxo de informações e a organização das interações e representações. A **metafunção interpessoal** compreende o papel de representar as interações e as construções de significados interpessoais com seus interlocutores. Por fim, a **metafunção ideacional** corresponde às representações e

construções dos significados da experiência do mundo físico e do mundo interior. Essa metafunção representa um modo como o falante ou o ouvinte refletem a realidade por meio da língua. Desse modo, a metafunção ideacional vai ao encontro do propósito da linguagem de representar ideias e expressar experiências. Segundo Eggins (2004), a realização dessas representações ocorre através do Sistema de Transitividade, que implica a escolha de processos (elementos verbais) e seus argumentos.

Quando falamos em transitividade, a ideia recorrente é aquela que remete à concepção da gramática tradicional. Essa concepção parte da presença ou ausência de um objeto direto ou indireto para a classificação dos verbos. Entretanto, o Sistema de Transitividade da LSF nada tem a ver com o conceito da gramática tradicional, mas, ao contrário, refere-se a um sistema por meio do qual o falante constrói representações baseado na escolha de um número tangível de tipos de processos, ou seja, de elementos verbais. Dentro do Sistema de Transitividade, cada proposição consiste de três elementos: o processo, seus participantes e as circunstâncias. Os processos são a ação propriamente dita, representada na oração por grupos verbais. Os participantes, que são representados por grupos nominais, são aqueles envolvidos na ação, ou seja, podem realizá-la ou serem, de alguma forma, afetados por ela. As circunstâncias adicionam informações ao processo, sendo representadas por grupos adverbiais.

Essas classificações são categorias semânticas que explanam de modo mais geral como os fenômenos de nossas experiências do mundo são construídos na estrutura linguística (FUZER e CABRAL, 2010:27). O uso de processos, participantes e circunstâncias por parte do falante está no campo das escolhas. Ao realizar um significado através de um item lexical ou uma locução, o falante faz uma escolha dentre outras possíveis e prováveis (não importando se essa escolha é consciente ou inconsciente). Esse caráter probabilístico do uso da linguagem faz com que o Sistema de

Transitividade se torne uma análise contrastiva, pois o pesquisador compara sempre as escolhas realizadas pelo falante com outras disponíveis, de forma a determinar quais são suas motivações. (LIMA-LOPES, 2001:6).

Existem múltiplos tipos de ações e atividades que se desenrolam e acontecem no mundo e também existem diversas formas de representá-las linguisticamente. Contudo, as gramáticas das línguas naturais organizam essas múltiplas formas de representação em um número reduzido de tipos de processos. Halliday e Matthiessen (2004) apresentam seis tipos de processos que compõem o Sistema de Transitividade: **material**, **mental**, **relacional**, **verbal**, **comportamental** e **existencial**. Os autores ainda ressaltam que os três primeiros são os principais dentro do sistema, enquanto os três últimos estão alocados entre as fronteiras dos processos principais. O processo comportamental encontra-se entre o processo material e mental, ao passo que o processo verbal se aloca entre o processo mental e relacional, e o processo existencial fica entre o processo material e relacional. O quadro abaixo ilustra esse arranjo:

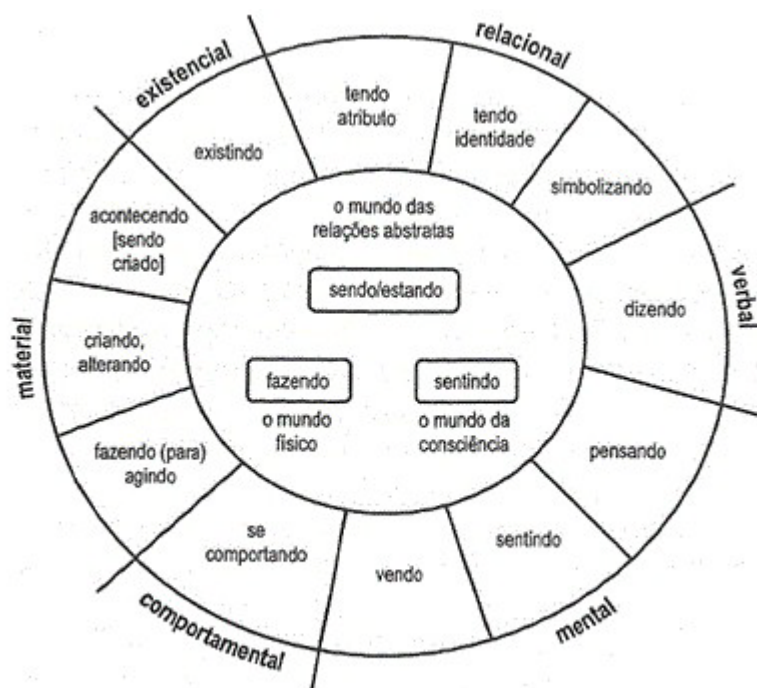


Figura 1: Os tipos de processos (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004:172)

Halliday e Matthiessen (2004) configuram um espaço semiótico arredondado com os processos entrelaçados em si, o que representa uma continuidade entre eles. Isso nos mostra que, apesar da existência de processos prototípicos, essas fronteiras não significam categorias rígidas. Segundo Cunha e Souza (2007:56), essa continuidade entre os processos é o princípio fundamental no qual o Sistema de Transitividade é baseado, o princípio de **indeterminação semântica**. Esse princípio fundamenta-se nas interpretações multifacetadas que um determinado processo pode gerar de acordo com o seu contexto de uso. Assim, um mesmo texto pode oferecer modelos alternativos de análise, isto é, o verbo que, em um contexto, aparece representado por um determinado processo, em outro pode ser interpretado de outra forma. Desse modo, podemos perceber o conceito de transitividade como sistema, pois, como qualquer outro sistema, constrói-se uma rede de escolhas em um espaço semiótico contínuo, que disponibiliza categorizações que se opõem entre si.

Tendo em mente que o Sistema de Transitividade é composto de seis tipos de processos operados alternativamente na análise linguística, vejamos o significado de cada um deles e seus respectivos participantes, começando pelos processos primários (material, mental e relacional), seguidos pelos processos secundários (verbais, comportamentais e existenciais).

Os processos materiais são processos de fazer, relacionados a ações do mundo físico. Esses processos constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis. (CUNHA; SOUZA, 2007:56). Eles podem ser representados pelos verbos “fazer”, “acontecer”, “comprar”, entre outros. Seus participantes principais são o **ator** e a **meta**. O ator é aquele que realiza a ação e a meta é o participante para quem o processo é direcionado, i.e., é o afetado pela ação. Tipicamente, o ator é o sujeito representado por

um grupo nominal, enquanto a meta, pela gramática tradicional, é tratada como o objeto direto (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; EGGINS 2004).

Os processos mentais são processos de sentir, relacionados à representação do mundo interior. Nesse processo, não se tratam de ações, mas de reações mentais, de pensamentos, sentimentos e percepções. Halliday e Matthiessen (2004: 208-210) dividem esses processos em quatro subtipos: processos mentais de cognição, relacionados à decisão e compreensão (saber, entender); processos mentais de percepção, relacionados à observação de fenômenos (sentir); processos mentais de afeição, relacionados aos sentimentos (gostar, amar); e processos mentais de desejo (querer, desejar). Os participantes desse processo são o **experienciador**, participante consciente, em cuja mente o processo se realiza e o **fenômeno**, elemento compreendido, percebido, sentido ou desejado. (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008:5).

Os processos relacionais são processos de ser, ter e permanecer. São aqueles que estabelecem e constroem relações, identificando e classificando as entidades. Segundo Cunha e Souza (2007:58), essa relação pode denotar: intensidade (quando uma qualidade é atribuída a uma entidade); circunstâncias (quando uma circunstância é atribuída a uma entidade); e possessividade (quando existe uma relação de posse). Esses processos podem ser, ainda, atributivos ou identificativos. Nos processos relacionais atributivos, o participante chamado de **atributo** é uma qualidade atribuída ao participante chamado de **portador**. Nos processos relacionais identificativos, há a identificação de uma entidade por meio de outra. Nesse caso, há dois participantes: o **identificado**, entidade que recebe a identificação e **identificador**, que representa a identidade atribuída ao identificado. No caso dos processos que denotam possessividade, temos como participantes o **possuidor** e o **possuído**. Segundo Fuzer e Cabral (2010:68), a diferença básica entre os processos relacionais atributivos e

identificativos está na propriedade de reversibilidade. Os processos relacionais atributivos não são, geralmente, reversíveis semanticamente, isto é, não é possível inverter os papéis dos participantes sem alterar o sentido, o que pode ser feito com os processos identificativos.

Os processos comportamentais, situados entre os processos materiais e mentais, expressam comportamentos físicos e psicológicos realizados de forma simultânea como, por exemplo, “olhar”, “encarar”, “assistir”, entre outros. Seus participantes são o **comportante**, entidade que realiza a ação, e o **comportamento**, que define o escopo do processo. (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008:12).

Os processos verbais, situados entre os processos mentais e relacionais, são processos de dizer. Configuram relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Nesse processo, temos como participantes: o **dizente**, aquele que realiza a ação; o **receptor**, aquele para quem a mensagem é direcionada; o **alvo**, entidade que é atingida pelo processo; e a **verbiagem**, que é a mensagem propriamente dita.

Os processos existenciais, situados entre os processos relacionais e materiais, são processos de haver, existir e ter (em português brasileiro). Segundo Cunha e Souza (2007:59), esses processos representam algo que existe ou acontece e se constroem com apenas um participante, o **existente**.

Tendo visto os processos e seus participantes, vejamos o terceiro componente do Sistema de Transitividade, as circunstâncias. As circunstâncias são responsáveis por adicionar significados à oração pela descrição do contexto dentro do qual o processo se realiza. São, comumente, realizadas por grupos adverbiais ou preposicionais e podem ocorrer em todos os tipos de processos. (FUZER e CABRAL, 2010:44). Os significados expressos pelas circunstâncias são, principalmente, aqueles que respondem às perguntas

“onde”, “como”, “quando” e “por que”, relacionadas à ação expressa pela oração, de modo a situar o processo. Segundo Halliday e Matthiessen (2004:262), podemos observar nove tipos de circunstâncias: de extensão, de localização, de modo, de papel, de acompanhamento, de causa, de contingência, de assunto e de ângulo.

Sendo assim, vimos que é por meio do Sistema de Transitividade que a metafunção ideacional representa e constrói significados da nossa experiência, tanto do mundo social quanto do psicológico. Portanto, em vista dos objetivos anunciados para essa pesquisa, acreditamos que essa ferramenta parece ser produtiva para a análise do *corpus*.

METODOLOGIA

Este trabalho utiliza procedimentos baseados na Linguística de *Corpus*. Essa escolha se deve, principalmente, pelas ferramentas de coleta e análise que ela disponibiliza, possibilitando um trabalho com grandes quantidades de texto, como um romance, de forma rápida e eficiente. Usamos o programa computacional de análise lexical denominado *WordSmith Tools* (SCOTT, 1999), que teve a função de facilitar o levantamento e classificação dos dados.

Para compor o *corpus* desta pesquisa, selecionamos o romance *Caim* de José Saramago. Observamos a recorrência da palavra “deus”, após uma primeira leitura do romance. Partindo do romance escolhido, criamos um arquivo de texto, digitado manualmente, em formato txt para ser utilizado no *WordSmith Tools*. Desse modo, efetuamos a busca pela entrada lexical “deus”, gerando uma lista com 91 processos, que foram divididos por personagem, incluindo-se nesta lista o narrador. Selecionamos, para essa análise, os processos observados na voz do narrador, na voz da personagem Caim e na voz da personagem Deus, reduzindo o número de processos para 65 (36 do narrador,

22 da personagem Caim e 7 da personagem Deus). Os processos verificados na voz de outras personagens foram excluídos desse estudo, pois, para uma primeira análise, optamos por verificar os processos das principais personagens (Deus e Caim) e do narrador. Também foram excluídas desta análise linhas de concordância que apresentavam a palavra “deus” em expressões idiomáticas, como em “ao deus-dará”, e que se referiam a outros deuses, diferentes da personagem “deus” da obra em questão, como em “adorassem o deus baal”. Podemos observar um exemplo da lista de concordância na figura 2.

N	Concordance
1	o senhor, também conhecido como deus , se apercebeu de que a adão e eva
2	foi por terem desobedecido à ordem de deus que adão e eva descobriram que
3	Sem detença, não fossem eles acordar, deus estendeu o braço e, levemente,
4	foi pelo fruto da minha árvore, perguntou deus , dirigindo directamente a adão um
5	, o homem tornou-se semelhante a um deus , agora só me faltaria que fosses
6	que a ninguém apetecerá, o pomar de deus , o pomar do senhor, acrescentou.
7	, essa que nenhum senhor, nenhum deus havia sido capaz de inventar.
8	favorito do senhor, como um eleito de deus . O infeliz caim não teve outro
9	o seja, mas garanto-te que, se eu fosse deus , todos os dias diria Abençoados
10	esse sangue reclama vingança, insistiu deus , Se é assim, vingar-teás ao
11	em seu nome ou por sua causa, Deus está inccente, tudo seria igual se
12	a ringuém, será um segredo entre deus e caim, Não é certc, devo estar a
13	, Essas palavras não as disse nenhum deus que eu conheça, nunca nos
14	dos golpes. Pobre abel, a quem deus tinha enganado. O senhor havia
15	, Não, o senhor, Que senhor, O senhor deus . O homem deu uma gargalhada a
16	ventura, ou, como já então se dizia, ao deus-dará . Caim tocou outra vez o
17	dos seus desentendimentos com deus , nem ele nos entende a nós, nem
18	o terceiro homem era o próprio senhor deus em pessoa. Não foi dito na altura

Figura 2: Lista de concordância do *WordSmith Tools*.

Sendo assim, veremos, a seguir, uma breve análise dos processos encontrados à luz do Sistema de Transitividade.

ANÁLISE E CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os resultados da análise foram obtidos a partir da aplicação do Sistema de Transitividade a fim de traçar um perfil da personagem Deus no romance *Caim* a partir do ponto de vista do narrador, da personagem Caim e do próprio personagem Deus.

Os processos materiais verificados na voz do narrador referem-se, geralmente, às ações mais práticas e corriqueiras de Deus e também expressam atitudes negativas, como, por exemplo, em (1):

(1) “(...) deus **estendeu** o braço.” (SARAMAGO, 2009:15)

“(...) deus **afastou-se** e, mais discretamente que à chegada, **sumiu-se** noutra dimensão.” (SARAMAGO, 2009:153)

“Deus não **veio** ao bota-fora.” (SARAMAGO, 2009:161)

“(...) foi **tê-lo abandonado** deus às mãos de satã.” (SARAMAGO, 2009:144)

Em relação aos processos relacionais, nos chamou atenção um em particular, no qual o senhor é identificado por “deus” (2). Esse processo que, como veremos, é recorrente na voz de outras personagens, pode ser um indício da dificuldade de caracterização do personagem. Desse modo, Deus é representado por ele mesmo.

(2) “Quando o senhor, também **conhecido** como deus, se apercebeu de que a adão e eva (...)”. (SARAMAGO, 2009:9)

Nos processos mentais, há casos em que Deus é participante experienciador. Esse processo nos intrigou pelo fato de o personagem Deus sentir, o que denota um caráter humanizado desse personagem. Vejamos exemplos em (3):

(3) “(...) deus **andava a sentir** uma espécie de comichão na ponta dos dedos que era sinal de impaciência grave.” (SARAMAGO, 2009:154)

“Em horas assim [deus] **sentia-se** menos como um deus que como contramestre dos anjos operários.” (SARAMAGO, 2009:161)

Os processos verbais denotam ordens de Deus ou fazem parte do fluxo de diálogos. Algumas vezes, a ordem dada por Deus é identificada na verbiagem. Vejamos o exemplo em (4):

(4) “Quem desobedeceu às minhas ordens, quem foi pelo fruto da minha árvore, **perguntou** deus.” (SARAMAGO, 2009:16)

Os processos comportamentais nos permitem observar, de certo modo, a opinião do narrador a respeito do caráter de Deus (5). Além disso, é possível observar o comportamento de outras personagens em seu relacionamento com Deus (6).

(5) “Pobre abel, a quem deus **tinha enganado.**” (SARAMAGO, 2009:36)

(6) “Dentro da arca, a família noé **dava graças** a deus (...).” (SARAMAGO, 2009:163)

Em relação ao personagem-título da obra, Caim, chamaremos atenção para os processos relacionais que, assim como os processos relacionais verificados na voz do narrador, caracterizam Deus como senhor e vice-versa. Vejamos em (7). Além disso, os processos relacionais encontrados na fala de Caim nos mostram sua opinião sobre o caráter duvidoso de Deus. Vejamos em (8).

(7) “O senhor [é] deus.” (SARAMAGO, 2009:64)

“Onde é que nasceu essa peregrina ideia de que deus, só por **ser** deus, deva governar a vida íntima dos seus crentes (...)” (SARAMAGO, 2009:158-159)

(8) “(...) deus **está** inocente.” (SARAMAGO, 2009:35)

“Que o nosso deus, o criador do céu e da terra, **está** rematadamente louco (...)” (SARAMAGO, 2009:128)

“(...) deus **deveria ser** transparente e límpido como cristal em lugar desta contínua assombração, deste constante medo, enfim (...)”. (SARAMAGO, 2009:135)

“(...) mas a justiça, para deus, **é** uma palavra vã. (SARAMAGO, 2009:135)”

Nos processos comportamentais encontrados na fala de Caim, vale a pena ressaltar que, para ele, Deus é aquele que ordena. Vejamos em (9).

(9) “O que não pode ser bom é um deus que **dá ordem** a um pai para que mate e queime na fogueira o seu próprio filho só para provar a sua fé (...)”. (SARAMAGO, 2009:129)

“(...) faz-me recordar sempre o que aconteceu com abraão a quem deus, para o pôr à prova, **ordenou** que matasse o seu filho Isaac (...)”. (SARAMAGO, 2009:135)

Em relação ao único processo mental encontrado na fala de Caim, é possível observar o posicionamento e opinião em relação a Deus e, além disso, certo ressentimento por não ser amado pelo “pai” (10).

(10) “deus não nos **ama**.”. (SARAMAGO, 2009:135)

Em relação à personagem Deus, um dos aspectos interessantes dessa fala é sua própria representação em terceira pessoa em todos os tipos de processos (11). Em dois processos relacionais, em particular, Deus parece negar sua própria condição de divindade ao afirmar que sua vida não é fácil como pensam os homens e que ele mesmo não é senhor de seus desejos (12).

(11) “Farás o que havias pensado, não te vou roubar a glória de te **dirigires** directamente a deus.”. (SARAMAGO, 2009:119) → processo material

“Reconheço, mas não o digas a ninguém, [isso] **será** um segredo entre deus e caim.”. (SARAMAGO, 2009:35) → processo relacional

“Reparaste no meu servo job, perguntou o senhor, não há ninguém como ele na terra, homem íntegro, recto, **temente** a deus e afastado do mal.”. (SARAMAGO, 2009:139) → processo mental

(12) “Estão fora da minha lei, fora da minha alçada, não lhes posso tocar, é que a vida de um deus não é tão fácil quanto vocês crêem (...)”. (SARAMAGO, 2009:119) → processo relacional

“(...) um deus não é senhor daquele contínuo quero, posso e mando que se imagina, nem sempre se pode ir direto aos fins (...)”. (SARAMAGO, 2009:119) → processo relacional

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos processos analisados, pudemos perceber que tanto na voz do narrador, quanto na voz de Caim há certa dificuldade em definir Deus, que é comumente definido por ele mesmo, como “deus é o senhor”. O discurso do narrador, assim como o discurso de Caim, mostram um deus que abandona seus filhos, o deus da injustiça. Em sua fala, Caim tem um constante confronto ideológico com Deus. Deus é o tirano, o vingador, capaz de trucidar populações inteiras, sem poupar nem crianças de

Sodoma e Gomorra. Além disso, vimos que o narrador expressa claramente sua opinião a respeito de Deus, que entra em conformidade com a opinião expressa por Caim. Apesar das divergências, vemos o ressentimento do personagem Caim por não ser amado por Deus. O desejo de não sentir-se abandonado e desamparado é o que move nossa necessidade por um deus, por um pai que nos ame e cuide. No discurso do próprio Deus, vemos a tentativa de enaltecer sua posição de divindade ao tratar a si mesmo na terceira pessoa. Por outro lado, também percebemos que Deus parece negar sua própria condição de divindade ao afirmar que sua vida não é fácil como pensam os homens e que ele mesmo não é senhor de seus desejos.

O conceito de religião e a relação homem-deus, como já dissemos, têm uma presença constante na obra de Saramago. No romance *Caim*, José Saramago desconstrói uma tradição judaico-cristã, por meio das próprias narrativas bíblicas do Antigo Testamento. O divino é revestido de características humanas, é vingativo, rancoroso e demonstra pouquíssima compaixão por suas criaturas. Para Saramago, o Deus cristão faz dos seres humanos suas marionetes, por exemplo, quando induz Caim ao primeiro homicídio da história cristã. Desse modo, o autor desconstrói a concepção judaico-cristã do Deus justo, onipotente, onisciente e bondoso. Deus é egoísta, vingativo e se deixa levar pela ira.

O conflito do homem com a religião e com deus é uma marca permanente da civilização ocidental. O ser humano é angustiado pelo medo do desconhecido, é angustiado pela possibilidade da solidão e criou ao redor de si mesmo uma fortaleza divina, uma percepção religiosa que é, muitas vezes, fóbica, pois fora dela estamos perdidos. Diante dessa necessidade de deus, a divindade acaba se tornando o bode expiatório da raça humana. Matamos, roubamos, enganamos em nome de deus e guerras santas são travadas tendo como cerne a religiosidade. Deus torna-se cada vez mais uma

personagem e uma desculpa para o instinto devastador do homem. Destruímos tudo o que existe a nossa volta, a nós mesmos e as nossas criações, inclusive o próprio deus.

Concluindo, a análise empregada neste trabalho pretendeu dar pistas iniciais para compreender a representação da personagem Deus no romance *Caim* de José Saramago e o uso do Sistema de Transitividade mostrou-se uma entrada analítica bastante produtiva. Novas análises serão feitas a fim de mapear de forma mais completa o texto escolhido.

ABSTRACT: The purpose of language to represent ideas and express experiences refers to the Ideational Metafunction whose analysis tool is the Transitivity System. The language allows us to represent the world, i.e., choose a piece of the reality that surrounds us. To talk about how man represents the world, was chosen as research object one of the most frequent representations made by mankind, that is, God. Thus, this study aims to investigate the representations of God's character in the novel *Caim* by José Saramago, through the Transitivity System of Systemic Functional Linguistics.

Keywords: Systemic Functional Linguistics, Transitivity, José Saramago, *Caim*.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDO, Gustavo. *A ficção cética*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2004.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Santa Maria: UFSM, 2010. Mimeo.

GOUVEIA, Carlos. A. M. “Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional”. In: *Matraga*. Rio de Janeiro: UERJ, v.16, n.24, jan./jun. 2009. p. 13-47.

LIMA-LOPES, R. E. Estudos de Transitividade em Língua Portuguesa: O Perfil do Gênero Cartas de Venda. São Paulo: PUC-SP, 2001. Dissertação de Mestrado.

LIMA-LOPES, R. E.; VENTURA, C. S. M. “A Transitividade em Português”. In: *Direct Papers*. São Paulo: PUC-SP. n. 55. 2008. p. 01-22.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. Londres: Hodder Arnold, 2004.

HALLIDAY, M.A.K. “Estrutura e função da linguagem”. In: LYONS, J. (ed). *Novos horizontes em Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 134-160.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 3*. Oxford: Oxford University Press, 1999.